

## O “PORTUNHOL” DA AMÉRICA LATINA NO CIBERESPAÇO: DE INTERLÍNGUA E LÍNGUA DE FRONTEIRA A LÍNGUA DE INTERCOMPREENSÃO E LÍNGUA LITERÁRIA SEM FRONTEIRAS

Paula Cristina de Paiva LIMÃO<sup>59</sup>

### RESUMO

O termo “portunhol” é habitualmente utilizado para indicar dois fenómenos distintos: o da interlíngua que se forma nas fronteiras bilingues entre o Brasil e os países hispanofalantes e o da interferência em contextos de aprendizagem de L2, em que é iniludível a sobreposição entre as estruturas fonéticas, sintáticas, morfológicas e lexicais do português e do espanhol. Como notou Gilberto Gil, defensor da “nova língua” «o portunhol é uma manifestação espontânea, natural, vinda dos corpos e das almas culturais dos nossos povos» e, como tal, língua caracterizada pela heterogeneidade que se constrói contextualmente nos processos discursivos e que deles advém. Língua real de comunicação e concomitantemente língua literária imaginada ou recriada, até assumir formas extremas como o “portunhol selvagem”, a sua essência liga-se profundamente ao conceito de “intercompreensão” facto que nos permite apreender os contornos linguísticos indistintos desta língua de contacto em formação. De língua falada a língua escrita, o portunhol tem-se expandido de modo considerável nos últimos anos, através da produção de muitos autores que vivem ou que são profundamente influenciados pelos contextos socioculturais das regiões fronteiriças, e divulgado na sua forma oral e escrita também na Internet.

**PALAVRAS CHAVE:** Portunhol; Portunhol selvagem; Língua de fronteira; Línguas de contacto.

### O global e o local

As línguas dominantes na atualidade encontram-se numa fase de integração mundial, estimuladas por economias globalizadas e por infraestruturas tecnológicas que as apoiam. Esta globalização, consequência do desenvolvimento económico, comprometeu de forma inevitável, as precedentes relações de força entre línguas oficiais e não oficiais, já que as últimas são amplamente favorecidas pela ampla difusão dos

---

59 UNIPG, Dipartimento di Lettere – Lingue, Letterature e Civiltà antiche e moderne, Via del Verzarò 49, 6100 Perugia, Itália, [paula.depaivalimao@unipg.it](mailto:paula.depaivalimao@unipg.it).

mass média modernos, comportando uma ameaça às línguas menores e associando-se por sua vez a um declínio evidente das comunidades e das estruturas socioeconómicas a elas associadas.

As línguas de contato como o portunhol apresentam algumas características em comum com as línguas que riscam a extinção: a oralidade, já que são faladas por pequenos grupos e não representam o poder político e económico, e a localização, porque se encontram em zonas geralmente periféricas. No entanto, a atual fase de globalização suscita, de modo paradoxal, e em concomitância a procura nos universos culturais, das particularidades, das diferenças, dos localismos. A pós modernidade configura-se, na realidade, como uma nova relação entre culturas locais e culturas globais em que a ameaça de um mundo dominado por uma única língua era mais plausível quando o universo das comunicações era menos amplo. Como bem sabemos, grande número de línguas, ainda hoje existentes, correspondem atualmente a línguas minoritárias. O interesse por este conjunto de línguas pode ser vinculado ao axioma segundo o qual todas as línguas possuem o mesmo valor, não só em termos práticos ou utilitários mas mesmo em sentido abstrato ou filosófico.

Com base neste princípio, a pesquisa linguística tem necessariamente de ter em conta as relações interlinguísticas, seguindo o pressuposto que, como lembra Richard Hudson, não existe uma real diferença entre as fronteiras das línguas e as dos dialetos (HUDSON, 1981: 336). A distinção entre línguas, dialetos, falares e outras formas linguísticas estabelecem-se sempre, lembremos, com critérios que são externos à própria linguagem (HAMEL, 1988: 48) e conduz-nos muitas vezes a classificar como centrais ou periféricas realidades linguísticas, cuja importância só pode ser claramente relevada no seu contexto sociolinguístico.

### **Classificação do “portunhol”**

Como podemos então definir do ponto de vista tipológico o portunhol? Poderemos defini-lo uma língua (mista, de contacto, de fronteira), um dialeto, um falar?

Um falar, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra seria a peculiaridade expressiva própria de uma região, que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialecto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrónico, segundo Manuel Alvar

(Alvar, 1961: 51), por ser um dialecto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Dentro dos falares regionais, poder-se-iam ainda distinguir os falares locais, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com carácter administrativo (Cunha – Cintra, 1996: 4). Mas não é esta a situação do portunhol.

O portunhol é, indiscutivelmente, uma língua de fronteira. A fronteira, que se caracteriza como um lugar onde os limites geopolíticos se tornam indefinidos, dando lugar à indeterminação e a ambiguidades. A sociedade de fronteira adquire assim uma dimensão simbólica e os indivíduos que dela fazem parte são capazes de abraçar múltiplos aspetos da vida social nacional e internacional.

A fronteira representa portanto um lugar geográfico de divisão, de separação, indica o fim de um território no interior do qual determinados sujeitos são inseridos (Alvarez, 2011: 105), mas ao mesmo tempo designa um espaço territorial caracterizado pela integração e contato entre etnias e línguas diferentes que têm origem na transgressão dos confins políticos impostos pelas nações. Em tal caso encontramos-nos diante de uma fronteira imaginária, uma dimensão particular que dissolve os confins estatais formando à volta das linhas divisórias dos países uma complexa rede de relações sociais entre mais grupos e indivíduos, uma zona híbrida, «preenchida de conteúdo social e onde a língua assume contornos próprios» (Sturza, 2004: 47).

A concepção de epistemologia de fronteira, proposta por Moita Lopes (2008), questiona os conceitos tanto de língua quanto de língua nacional pois «não coincide com o projeto de fazer uma língua corresponder a um Estado-nação e a seus limites territoriais: uma experiência que tem aumentado num universo pleno de fronteiras porosas como o nosso» (Lopes, 2008, p. 323). Como observa Moita Lopes, «[...] margens são entre-lugares onde o que é crucial são as incertezas da fronteira e o que aí é vivido». Moita Lopes propõe ainda que a tarefa de uma epistemologia de fronteira seja a de «recriar ou reconstruir os *designs* globais por meio das histórias locais», (Moita Lopes, 2008: 323), precisamente o que constatamos ser a realidade do portunhol.

A fronteira é, portanto, uma ficção. É um nome dado a linhas abstratas que, na realidade, não existem como são. Um bom exemplo, de que na fronteira do Brasil com os países da bacia do rio da Prata o contato entre as comunidades fronteiriças é regular e contínuo e favorece em pleno a formação de uma nova identidade cultural e social é a

recente decisão dos governos brasileiro e uruguaiano de instituir uma Carteira de Identidade de “fronteiriço” para os chamados “*double chap*” – moradores que vivem ao longo da faixa fronteiriça, que abrange 900 km de distância e até 20 km de largura para dentro do território de cada país. (*Zero Hora* – 15/04/04) (Sturza, 2009)

Também no caso do Paraguai, o reconhecimento do guarani como língua oficial e o seu destacado lugar como língua materna da grande maioria da população é um ingrediente fundamental na configuração das línguas da fronteira, sobretudo pela importância étnica e identitária que o guarani ocupa face a outras línguas, as dos imigrantes e a do Estado. Vale lembrar, neste caso, a importância do contingente de brasileiros no Paraguai, os chamados brasiguaios, que levam para o interior das terras paraguaias a sua língua portuguesa (a dos gaúchos, dos paulistas, dos paranaenses, dos mato-grossenses).

Na fronteira do Rio Grande do Sul com os países da bacia do rio da Prata, sobretudo na zona fronteiriça do Brasil com o Uruguai, há ainda uma terceira “língua”, que não é nativa, não é a do imigrante, não é a do Estado. É a que funciona como mais uma nas práticas linguísticas de grande parte da população fronteiriça e que resulta do cruzamento das línguas portuguesa e espanhola, da extensão ou do influxo de uma língua em território linguístico da outra. Essas práticas foram designadas de dois modos: o portunhol – que abrange uma maior extensão de contato, ainda que com caracterizações discutíveis, e pouco definido enquanto fenómeno de contato linguístico e os DPUs – Dialetos Portugueses do Uruguai – que gozam de um reconhecimento maior, de pesquisas e estudos regulares da linguística internacional.

A classificação das línguas nas zonas de fronteira está assim profundamente ligada à extensão e à consolidação do fenómeno. No caso uruguaio, ele é reconhecido como uma prática linguística instituída, seria como uma “terceira língua”. Tal mostra-nos a variedade de situações linguísticas que são descritas com o termo portunhol. Ora, a noção de fronteira no âmbito dos estudos linguísticos foi focalizada em termos de relações entre as gramáticas das línguas. Assim, a maior parte dos estudos sobre as línguas de contacto explicitam de facto, as características de formas linguísticas misturadas de uma morfossintaxe em transição e alertam para a presença de empréstimos lexicais, índice indiscutível da existência de uma gramática dialetal ou de uma língua na qual encontramos em confluência vários sistemas linguísticos (Alvarez, 2011: 105). Nas zonas de fronteira socialmente fluidas como as Rio Grande do Sul e do norte do Uruguai, as relações dos falantes com as línguas que não pertencem

oficialmente ao seu repertório linguístico é uma consequência normal das características, sociais, geográficas e históricas do processo de formação das comunidades destes dois países confinantes. Neste sentido, o cruzamento das línguas dominantes resulta da necessidade imediata de um contato social, processo pelo qual, durante o tempo é afetado o léxico e a estrutura interna da gramática da língua (Sturza, 2004: 9). Portanto, podem-se verificar transformações no sistema pronominal e verbal, mudanças nas determinações do caso, do gênero e do número, pode ainda diferir o uso das preposições, a ordem das palavras na frase, a colocação (Palácios, 2010: 34).

O termo “Portunhol” é, no entanto, utilizado indistintamente para referir-se a duas situações linguísticas diferentes: No primeiro caso descreve uma língua que tem origem na mistura do português e do espanhol, e que surge do contato contínuo e direto entre os habitantes das zonas de fronteira entre o Brasil e os outros países sul-americanos, o Uruguai, a Argentina e o Paraguai. O chamado “portunhol” é neste sentido a língua falada pelos fronteiriços como língua intermediária ou de comunicação imediata. A segunda acepção do termo é sem dúvida a mais divulgada, e que assume muitas vezes uma conotação negativa, indica a interlíngua que se forma durante o processo de aprendizagem da língua espanhola como língua estrangeira pelos falantes de português, ou seja uma prática linguística deficitária (Sturza, 2006: 131). Esta última acepção é fortemente estigmatizada pelos linguistas que a consideram quase uma falta de respeito pela língua e pelos falantes, outros consideram-na como um produto lógico da globalização. No entanto, o que importa sublinhar, é a consolidação divergente do “portunhol”. Como língua ganha espaço e notoriedade, apesar de ser combatido pelas mais variadas causas que defendem a originalidade das línguas portuguesa e espanhola e pelas políticas linguísticas e de ensino a sua propagação ampliando-se ligeiramente pelos territórios circunvizinhos e aproximando-se cada vez mais dos centros urbanos

### **Portunhol : *code mixing* e/ou *code-switching***

Os estudos da Linguística de contacto, falam-nos geralmente de *code-switching*, fenómeno que indica a alternância de uma língua a outra durante a conversação entre falantes bilíngues que utilizam o mesmo grupo de línguas, fenómeno característico do portunhol. Esta passagem, se ocorre no interior de uma mesma frase, é *intrafrasal* e

pode-se definir *code-mixing*. Ora o *code mixing* requer, contrariamente ao que é reiterado nas apreciações críticas mais comuns, uma notável capacidade de transição de uma língua à outra, garantindo no entanto ao falante uma competência comunicativa bilíngue e ao seu interlocutor um bom entendimento do enunciado.

Helene Matras (2000) considera que a diferença entre *code-switching* e *code-mixing* reside no fato de este último ser já um sistema convencional, onde a alternância já não ocorre como uma opção sincrónica, mas ele apenas reflete a etimologia dos componentes. As condições de emergência do *code-mixing* dependem da habilidade de os falantes usarem diversas línguas num estágio inicial. As orações mistas não são como as do *code-switching*, em que se ativam elementos de cada língua, mas sim ativações de elementos de origem da outra língua que já passaram por processos de mistura e estão convencionalizados. A partir de tais considerações, podemos considerar o portunhol um produto de *code-mixing* no qual a língua de base parece ser o português. Ora, o mesmo fenómeno pode manifestar-se no nascimento de uma língua mista e portanto através de uma intensa e estável mistura ou contato entre os dois repertórios linguísticos que conduzem à formação de uma nova língua, neste caso ao portunhol.

A troca não premeditada de códigos linguísticos não significa mascarar uma incapacidade comunicativa ou misturar de forma agramatical vários idiomas, pelo contrário é sinónimo de habilidade linguística que permite ao falante de transmitir informações sobre a nova língua que se está a criar. Deste modo, o falante de portunhol tem o poder de enunciar, através da língua de fronteira, o território fronteiriço, onde a nova matéria linguística teve origem e anular totalmente a ordem hierárquica que distinguia entre uma primeira e uma segunda língua (STURZA, 2006: 73). O falar fronteiriço representa um sistema linguístico independente, nascido após várias gerações de contato entre duas culturas nacionais e promovido também por uma espécie de isolamento regional. O alemão Harald Thun, corealizador do *Atlante Linguístico do Uruguai* (ADDU) escolheu de utilizar a expressão Português Americano para se referir ao Portunhol com a ideia de a poder alargar às outras combinações linguísticas mistas presente em Paraguai e Argentina, países de língua espanhola confinantes com o Brasil. No que respeita à presença do idioma português no Uruguai Thun distinguiu cinco tipos de língua fronteiriça originárias do contato entre o espanhol uruguaio e o português do Brasil segundo as diferenças espaciais, temporais e de intensidade: zona do português falado como língua materna; zona des-lusitanizada onde o português é língua de substrato; zona de adstrato português antigo e novo; zona de

lusitaniedade indireta; zona de lusismos ou ocidentalismos peninsulares. (LAFIN, 2011: 19).

Como já foi evidenciado por Eliana Sturza «o número ainda escasso de trabalhos linguísticos que possam, principalmente, mapear a situação das línguas de fronteira é resultado, sobretudo, da falta de organização e divulgação das pesquisas já realizadas e de uma maior focalização na questão do contato linguístico nas nossas fronteiras por parte da linguística brasileira» (Sturza, 2005). A exceção tem sido o grande interesse pelas línguas indígenas, principalmente, na bacia do rio Amazonas.

### **O portunhol na Internet**

A presença do portunhol na Internet é indiscutível e insere-se em diversas tipologia textuais: informações, notícias, blogues, dicionários, glossários, páginas literárias, vídeos e imagens. Se digitarmos o termo portunhol no Google obtemos 243 mil resultados e 10.800 vídeos e 2030 notícias, número verdadeiramente significativo de páginas onde este fenómeno é descrito nas suas múltiplas manifestações.

A Internet promove indiscutivelmente o uso e o conhecimento do portunhol. Florescem na Rede as páginas em que os autores publicam a sua prosa poemas, hinos e cantos em portunhol. Um dia internacional celebra a existência do portunhol a última sexta feira de outubro, dia em que se o mundo da Net deve dar, segundo os seus criadores, particular atenção à divulgação de textos em Portunhol:

«Hoy és Lo Dia Internacional de Hablarse Portuñol. La idea és que todos los blogs brasileños publiquen algo en portunol. Aderiendo a la ideia, nosotros publicamos una postagen en nuestra bitácora (!) utilizando el más purito portuñol y buscando explicar las orígenes de los problemas linguisticos entre los hablantes de lo português y de lo español»<sup>60</sup>.



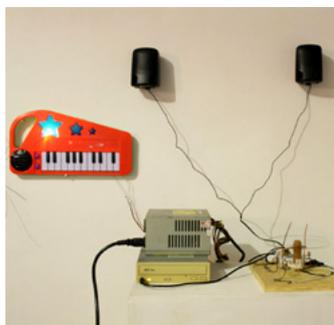
(<http://gjol.blogspot.it/2007/10/dia-internacional-de-hablarse-portuol.html> )

---

60 <http://gjol.blogspot.it/2007/10/dia-internacional-de-hablarse-portuol.html>

Os seus adeptos elegem a imagem da cantora luso-brasileira Carmen Miranda, conhecida por ter difundido especialmente nos Estados Unidos, um “perfeito portunhol”.

Os defensores da divulgação portunhol promoveram um primeiro congresso em setembro de 2009 na cidade do Rio de Janeiro. Um dos aspetos mais curiosos deste congresso foi o momento no qual o artista uruguaio Diego de los Campos apresentou ali a sua máquina de falar portunhol que combina palavra portuguesas e espanholas, misturadas para “reproduzir a confusão linguística” reinantes nos países que tem fronteira com o Brasil.<sup>61</sup>



([http://www.palmalouca.com/artes/artes.jsp?id\\_artes=622](http://www.palmalouca.com/artes/artes.jsp?id_artes=622))

A imagem de uma espécie de cartaz que circula na rede para divulgar o dia internacional de falar portunhol é paradigmática. As cores da imagem, o azul e o branco são as cores da bandeira argentina. Logo abaixo o enunciado “*la bandera del idioma*”. As bandeiras constituem um símbolo nacional e não há bandeiras das línguas. Neste caso a palavra bandeira apresenta diferentes sentidos: há uma nação e diz-se que há uma língua. Trata-se portanto de uma tentativa de legitimação da afirmação do portunhol enquanto língua de uma nação. Outra constante ligação presente nas notícias sobre o portunhol presentes na rede é a ligação do portunhol à língua oficial do Mercosul. O fio lógico condutor das informações pode ser resumido deste modo: O Mercosul possui uma língua e portanto o portunhol é uma língua oficial.

Ao longo dos séculos, o fenómeno linguístico do dialeto fronteiriço difundiu-se em todos os campos artísticos do Brasil e do Uruguai, penetrando em particular na música e na literatura, as quais já começavam a englobar uma realidade social e linguística absolutamente singular, marcadas por um registo “popular” (Fernandez-

---

61 <https://hkyson.wordpress.com/2011/08/01/portuniol-un-nove-lingua-que-sta-a-ganiar-popularitate-inter-le-personas-qui-vive-presso-le-frontieras-del-brasil-e-su-paises-hispanoparlante-vecin/>

Garcia, 2006, p. 558). Com o passar do tempo, músicos, cantores, intelectuais e escritores uruguaio-brasileiros decidiram tratar o tema da fronteira não só de um ponto de vista geográfico ou sócio-histórico, mas também linguístico e psicológico, servindo-se do portunhol/*portuñol* como um instrumento capaz de “narrar” a beleza e a unicidade do universo fronteiriço mas, ao mesmo tempo, para denunciar as terríveis condições que o caracterizam. Esta divulgação obviamente passa atualmente pela Internet que permite alcançar um público muito mais vasto e dar a conhecer o fenómeno para além da sua realidade local. O fenómeno abranje com muita força a música produzida e fruída na fronteira. Entre os compositores oriundos da fronteira mais conhecidos citamos o rio-grandense Martím César, representante do grupo poético-musical Caminhos de Si<sup>62</sup> e o uruguaiano “doble-chapa” de Rivera/Sant’Ana do Livramento Chito de Mello<sup>63</sup>.

Nos últimos anos, o Portunhol começou a aparecer em âmbitos distintos da linguagem quotidiana. Tornou-se meio literário, sobretudo no Uruguai e no Brasil. Todavia essa expressão literária fornece só ocasionalmente, numa perspetiva linguística, uma verdadeira representação do Portunhol e que os autores muitas vezes escolhem de seleccionar só alguns dos elementos que o caracterizam.

O aparecimento do Portunhol/Portuñol na literatura deu-se em 1992, quando o escritor brasileiro Wilson Bueno publicou o conto *Mar Paraguay*, livro que contém a prefação do poeta argentino Néstor Perlongher intitulada *Sopa Paraguaya* (Bueno, 1992) Na produção literária, a mistura de línguas nos textos não é um fenómeno novo, mas ganhou novos tons com os textos dos escritores Néstor Perlongher, Wilson Bueno e Douglas Diegues. O primeiro, Perlongher, foi um poeta argentino radicado no Brasil desde 1982, que usa o portunhol nos seus textos como experiência estética. Wilson Bueno, no seu romance *Mar paraguay* (1992) constrói o texto em puro portunhol, com diversas palavras em guarani, língua falada, de acordo com Bueno, por 99% dos paraguaios.

A produção dos autores do portunhol selvagem tem sido discutida em encontros formais e informais “triplefronteros” e em outras ocasiões, a *Latinale*, na Alemanha, em 2006<sup>64</sup>, um *Encuentro Mundial Del Portunhol Selvagem*<sup>65</sup>, em 2008, em Assunção no Paraguai, e o evento *Arte e Exceções: o Portunhol Selvagem e outras propostas*

---

62 <https://www.youtube.com/watch?v=4biwJaIKP5A>

63 <https://www.youtube.com/watch?v=Z0DApuodZOE>

64 <http://www.dw.com/pt/nova-geração-de-poetas-latino-americanos-participa-da-latinale/a-2858935> (consultado a 12/02/2015).

65 <http://oglobo.globo.com/cultura/confira-manifesto-em-defesa-do-portunhol-selvagem-3607777> (consultado a 12/02/2015)

*contemporâneas*<sup>66</sup>, ocorrido em setembro de 2009, na Casa da Gávea, no Rio de Janeiro. As obras escritas em portunhol selvagem circulam nas redes digitais e sociais, criando um espaço próprio de divulgação, à margem do mercado editorial e igualmente dos lugares institucionais dos estudos literários. As Editoras Cartoneras<sup>67</sup> surgem assim como forma de autorização forjada da produção marginal, dando voz à cultura advinda das margens da política e da sociedade.

Usando este meio de circulação, os livros e as publicações alternativas das Editoras Cartoneras, produzidas inteiramente com materiais reciclados, o Portunhol Selvagem incorpora um movimento que, Diegues e que é definido “antiestética de lo trash: o que foi chamado “lixeratura”. O aspecto de lixo das produções cartoneras tem forte poder hermenêutico, pois o lixo passa, ao longo do processo de produção de um livro, por uma simbolização que o converte em arte. O aspecto de “lixo”, ou de “lixeratura”, no Portunhol Selvagem (especificamente) aparece reforçado, especificamente, pelo aspecto de mistura ou de junção de “sobras” das línguas maiores que o constituem, um processo natural de reciclagem dos restos da fealdade da civilização em algo de belo e sublime.

Atualmente o movimento das editoras cartoneras está a expandir-se, somando adeptos em países vizinhos, entre outros, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia, México, e até mesmo fora do continente sul-americano, como Espanha, Suécia, Alemanha e Moçambique (no continente africano).

### **Da dualidade do portunhol à multiplicidade do portunhol selvagem.**

À dualidade linguística aparente do portunhol fronteiro (espanhol/português), objeto linguístico sobre o qual pesa, por um lado uma apreciação negativa generalizada na rede, correlada a considerações de juízo sobre o seu carácter deturpado, ao mesmo nível dos juízos de valor emitidos sobre o portunhol interlíngua, contrapõe-se o portunhol selvagem, linguagem não de uso, mas literária que se caracteriza pela, aversão à convenção, criação infinita /recreação e conexão entre língua do coração e alma

---

66 <http://katarinakartonera.wikidot.com/arte-e-excecoes> (consultado a 12/02/2015)

67 As Editoras Cartoneras surgem em 2003 com a criação de Eloísa Cartonera em Buenos Aires tendo-se rapidamente expandido na América Latina. Para uma melhor compreensão do fenómeno veja-se o estudo de Katarina Kartonera e Evando Rodrigues (2011), *Trajeto kartonero*, Editora Katarina Kartonera, Florianópolis.

poética. Este recente movimento estético-literário da literatura brasileira: reinventa o quadro cultural das regiões fronteiriças comuns aos falantes do espanhol, do guarani e do português.

O portunhol selvagem é assim, como assevera um dos seus expoentes, Douglas Diegues: «uma música diferente, feita de ruídos, rimas nunca vistas, amor, água, sangue, árvores, pedras, sol, ventos, fogo, esperma» (Diegues, 2005: 3), uma identidade substancialmente híbrida. Se, o portunhol como registo espontâneo resulta da mistura ocasional do espanhol e do português de acordo com as necessidades comunicativas momentâneas, sendo tão diferente quanto os falantes que o constroem, o portunhol selvagem (mistura do espanhol, do português, contaminado com o guarani e outras línguas deve ser tratado a priori como uma recreação linguística que os autores experimentam, seguindo estratégias diferentes em cada caso: da transcrição mais ou menos próxima à realidade linguística até à pura invenção. O portunhol selvagem é assim uma poesia que pretende ultrapassar os limites das normas linguísticas e criar pontes e portas capazes de se comunicar com o outro lado da fronteira. Um movimento de criação literária e de crítica a qualquer tentativa de normatização e gramaticalização dessa “non-lengua” errática. Deparamo-nos neste movimento com uma territorialidade específica da fronteira, já que é o lugar, por excelência, em que se processam os fenómenos de entrelaçamento linguístico do portunhol, com uma construção reterritorializada esteticamente ao longo do território da fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai, conhecida como a tríplice fronteira. “Paraguaylandia” é a palavra inventada por Douglas Diegues para definir o espaço em que circulam os poetas e escritores do movimento, um espaço simbólico de troca. Diz a este propósito o autor:

Precisamos descubrir el Paraguay escondido entre la Argentina maradonizada y el Brasil fifi El Paraguay esse país sonámbulo que duerme prendido  
Precisamos inbentar el Paraguay! Es necesario inbentar Paraguay y el resto del mundo. [1]Estudiar cortezia com los greco-guarangos de la universidad de la calle Dejar de imitar refinadas literaturas y ensinar las elites intelectuales y los profesores a bailar cumbia y cachaca pirú [...].<sup>68</sup>

Segundo Douglas Diegues, um dos fundadores do movimento, o portunhol selvagem seria uma espécie de “lengua poética”, porque como diz o autor com os habitantes das fronteiras acontece a mesma coisa, não conhecem outra linguagem, é a língua que brota das selvas dos corpos triplefronteros, inventa-se por si mesmo,

---

<sup>68</sup>[http://portunholselvConbersacom\\_carlos\\_Drummond\\_deandrade\\_en\\_la\\_noche\\_selvagem\\_triplefronteiraagem.blogspot.com.br/2012/11/conversa-com-drummond-en-el-verano\\_16.html](http://portunholselvConbersacom_carlos_Drummond_deandrade_en_la_noche_selvagem_triplefronteiraagem.blogspot.com.br/2012/11/conversa-com-drummond-en-el-verano_16.html).

acontece ou não. (Diegues, 2009). A poesia e prosa de Diegues é uma criação literária não baseada numa acurada imitação do discurso das regiões de fronteira, mas revela uma verdadeira consciência, como nota Lipski das possibilidades gramaticais de mudança de código e do uso híbrido da língua (Lipski, 2006:5), aquilo que atualmente consideramos ser, ainda que pensado num outro contexto, o conceito da intercompreensão linguística que se articula perfeitamente à defesa dos fenómenos multilingues e interlinguísticos. Deste movimento, o portunhol selvagem, fazem parte Douglas Diegues<sup>69</sup> e outros poetas e prosadores brasileiros, paraguaios, argentinos e uruguaiois, como Joca Terrón<sup>70</sup>, Xico Sá<sup>71</sup>, Ronaldo Bressane<sup>72</sup>, Jorge Kanese<sup>73</sup>, Miguelangel Meza<sup>74</sup> e Edgar Pou<sup>75</sup>, todos autores que possuem blogues ativos presentes em rede.

O portunhol como registo espontâneo que resulta da mistura ocasional do espanhol e do português de acordo com as necessidades comunicativas momentâneas é tão diferente quanto os falantes que o constroem. O registo, resultado da mistura do espanhol e do português (portunhol) contaminado com o guarani e outras línguas (portunhol selvagem) deve ser tratado a priori como uma recreação linguística que os autores experimentam seguindo estratégias diferentes em cada caso: a da transcrição mais ou menos realista até à pura invenção, como é o caso do portunhol selvagem. Trata-se de uma reelaboração de uma escrita grafada de múltiplas formas. Provavelmente acompanhando as novas formas de aproximação entre oralidade e escrita, como as atuais escritas dos jovens nos sites de relacionamento social na Rede.

Diogo Diegues dramatiza a questão da fronteira de forma emblemática ao incorporar na materialidade do texto a condição híbrida dos usos da língua na fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai manipulando o seu exotismo artificial e periférico, traduzindo o intraduzível. Neste sentido podemos dizer que o portunhol selvagem se exhibe como uma espécie de lugar de enunciação, ao que até algumas décadas autores como Rodolfo Kuch chamaram o pensar situado, já que na fronteira geográfica ou cultural se estabelece como recorda Ana Pizarro (2006) um espaço de entre-lugar, de convergência e de dinâmica intercultural.

---

69 <http://portunholselvagem.blogspot.it>

70 <https://jocareinersterron.wordpress.com> (Acesso em 23.03.2015)

71 <http://xicosa.folha.blog.uol.com.br> (Acesso em 20.03.2015)

72 <http://spleituras.org.br/blog/ronaldo-bressane-na-bsp/> (Acesso em 20.03.2015)

73 <http://yiyijambo.blogspot.it/2008/03/tembore.html> (Acesso em 20.03.2015)

74 <http://poetamiguelangel.blogspot.it> (Acesso em 20.03.2015)

75 <http://transtierros.blogspot.it/search/label/edgar%20pou> (Acesso em 20.03.2015)

Para Douglas Diegues, este “non idioma” híbrido e transgressor das normas das línguas nacionais foi gerado na experiência social dos indivíduos, e é caracterizado pelo elemento instintivo, inato, quase determinante:

El portunhol selvagem brota de la nada como flor selvagem de la buesta de las vakas. Oúi, yes, por supuesto, mejor començar desexplicando. Pues que de hecho toda explicación única (científica ou non) será siempre traicionera versione falsificada. Ou seja: non soy nim fui el inventor del portunhol selvagem. Soy apenas el inbentor de um concepto de portunhol selvagem, um portunhol salbahem enquanto habla y escritura y non- lengua. Um concepto falsificado, paraguayensis, pero que nim Borges y suos acólitos nim los kapos de Oxford o de la Sorbonne lo podem refutar (Diegues, 2009)<sup>76</sup>

A poesia de Diegues é uma criação literária não baseada numa acurada imitação do discurso das regiões de fronteira, mas revela uma verdadeira consciência, como nota Lipski das possibilidades gramaticais de mudança de código e uso híbrido da língua (Lipski, 2006:5).

Esta língua-movimento, o portunhol Selvagem, que tem diversos matizes e nasce já híbrida. Sem a pretensão de ser língua, a novidade – a “selvageria” – da proposta localiza-se na inclusão não só do português e do espanhol, mas também do guarani, do inglês, e de quantas línguas mais forem pertinentes: uma língua onde cabe tudo e que não representa nenhuma em particular.

O projeto e uso do portunhol selvagem afastam-se inclusive dos aspectos que definiriam uma língua artificial: a elaboração de uma gramática e de um léxico para um idioma usado por poucos, em situações igualmente artificiais: As suas regras nascem espontaneamente e estão sempre em ebulição, são aquelas de quem o usa. O portunhol selvagem, no entanto, vai além do uso comum da língua, já que pretende ser o idioma da arte, da poesia, da literatura, é a língua de um movimento artístico .

Um movimento artístico e literário que defende o fim das barreiras culturais e políticas das línguas nacionais. Uma “vanguarda primitiva” que acredita em valores universais e igualitários e, ao mesmo tempo, “primitivos” (anteriores, primeiros), que celebram as raízes das tradições indígenas e os mitos da “terra sem mal” dos índios guaranis. Um movimento de travessia, invenção, inversão e transgressão de ideias de outros movimentos e autores brasileiros que inventaram outras linguagens e diferentes formas de entender as fronteiras literárias e linguísticas

Como é então definido pelos seus autores, o portunhol selvagem: segundo

---

76 [http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas\\_Diegues](http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=28&titulo=Douglas_Diegues)

Douglas Diegues, um dos fundadores do movimento, o “portunhol selvagem”, seria uma espécie de “língua poética”, a única língua que os habitantes da fronteira do Brasil com o Paraguai conhecem, a língua que brota dos corpos dos fronteiriços, e que se inventa sozinha.

Quando questionado sobre o significado da expressão, Diegues afirmou:

Non significa nada. Y pode significar algo. Algo no plural. Algo que non se puede explicar sem reducir a algo. La energia original de los Orígenes. El poder de la inbención de las palabras sinceramente sinceras. Algo que non pode ser reduzido a um pensamento único. O antigo y el agora a la vez. El futuro mezclado al pasado en un libro. La inbención en vez de la cópia. La liberdade sem nome (Diegues, 2008)

Assistemático, fluido, rebelde, sarcástico, o portunhol selvagem é mais do que um meio de comunicação forjado na fronteira, é um idioma cujo léxico e cujas normas aparentemente se organizam de maneira espontânea, lúdica, à medida das necessidades de quem o usa. Combina deste modo a espontaneidade da fala fronteiriça com uma espécie de programa/não programa estético.

Facto interessante é a tentativa de Diegues de apresentar o portunhol selvagem como um fenómeno que existe há vários séculos e que se inclui na história da literatura, filiando-o noutros tipos de fenómenos linguísticos e literários, que tem a sua primeira manifestação na poesia galaico-portuguesa e passando por tantos autores como Guimarães Rosa ou James Joyce, até chegar a Wilson Bueno, que o inspirou na redação dos seus sonetos selvagens:

Assim llegamos al papyro mais rarófilo de mio cumpá Wilson Bueno, el Mar Paraguayo, que me inspirou a full a fazer literatura en portunhol selvagem sem imitarlo servilmente, quando fiz mio primeiro libro, Dá gusto andar desnudo por estas selvas, que es a la vez el primeiro libro de poesia em portunhol, um libro magro, raquitiko, com másooménos 40 sonetos selvagens shakespeareanensis. (Diegues in Teixeira, 2011, s/p apud ABRANTES, 2012, p. 41).

A língua inventada do portunhol selvagem de fato faz do texto de Diegues um corpo estranho, excêntrico no conjunto da poesia brasileira contemporânea e denota um processo de criação particular, o da criação de uma língua poética específica.

Douglas Diegues abre caminho, juntamente com as traduções por ele efetuadas e pelos textos publicados, para a composição de uma literariedade própria do portunhol. O carácter global do portunhol selvagem esta ainda profundamente ligado à intercompreensão linguística, que no seu sentido lato nos revela um enorme potencial, o

da passagem da intercompreensão nas situações comunicativas de fronteira à criação literária, a que virá a conjugar diferentes línguas, reinventando-as, estimulando o leitor a esforçar-se por entender o espírito comum que a elas subjaz e que poderá ser usufruída não só em contexto local mas igualmente a nível global por um público vastíssimo, através da divulgação na Rede, então da Babel atual talvez seja possível num processo regressivo voltar às origens e reencontrar a língua original.

As obras escritas em portunhol selvagem circulam ainda e sobretudo nas redes digitais e sociais, criando um espaço próprio de divulgação, à margem do mercado editorial e dos círculos institucionais dos estudos literários, expandindo o fenómeno bem localizado das Editoras cartoneras.

À questão colocada por Manuel de Barros a Diogo Diegues que indagava se o autor ainda escrevia em portunhol selvagem, este responde:

Respondo que fiz una opción non-conbeniente desde un punto de vista óbvio, el portunhol selvagem está excluído dos benefícios estatales e institucionales que contemplan los escritores que escrevem em una lengua nacional. “Pero non importa”, digo, “me dá mais prazer escribir em portunhol selvagem do que escrever assim, corretamente, como um buen alumno de lengua portuguesa.

Manoel de Barros se rie e diz que “um dia vão reconhecer isso”.

Somos poetas que temos teko ete, Manoel!” Ele quer saber o que é isso. Digo que em guarani significa “um modo de ser autêntico, berdadero, com origem propia”. Manoel de Barros me diz que é isso mesmo e que “liberdade de linguagem é fundamental para a poesia”<sup>77</sup>.

Se como pensava Dante a perfectibilidade de uma língua é inversamente proporcional ao seu aspecto convencional, então a única maneira de a defender é atacá-la procurando recuperar a língua espontânea, a língua natural. Em concomitância, cada escritor é obrigado a construir a sua língua, já que escrever não pode ser impor uma forma (de expressão) a uma matéria, a do vivido. A literatura tem que ver, em contrapartida, com o informe, com o inacabado. Escrever é pois uma questão de devir, sempre incompleto, sempre a fazer-se, que extravasa todo e qualquer cânone e se molda segundo a realidade social, histórica e linguística em que se insere.

---

<sup>77</sup> <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/encontro-com-manoel-de-barros-em-meio-a-los-escombros-del-futuro/>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alvar, Manuel. 1961. *Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas*, Nueva Revista de Filología Hispánica, Año 15 (1961): 51-60.

Alvarez, Isaphi Marlene Jardim. 2011. *Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira*. Letrônica 4.2:104-120.

Bueno, Wilson. 1992. *Mar paraguayo*. Editora Iluminuras Ltda.

Cunha, Celso – Cintra, Lindley, 1996. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições Sá da Costa.

Diegues, Douglas. 2005. *Uma flor na solapa da miséria*, Buenos Aires, Eloisa Cartonera, 2005,

Diegues, Douglas. 2008. *Evandro Rodrigues entrevista Douglas Diegues*, (Disponível em <http://katarinakartonera.wikidot.com/entrevista01>)

Fernández García, M<sup>a</sup> Jesús. 2006. *Portuñol y literatura*. Revista de estudios extremeños, 62.II :555-577.

Hamel, Rainer Enrique. 1988. *La Políca del Lenguaje y el Conflicto Interétnico. Problemas de investigación sociolingüística*, in Orlandi, Eni Pulcinelli (org.) *Política Lingüística na América Latina*, Campinas: Pontes Editores: 41-73.

Hudson, Richard. 1981. *Some issues on which linguistics can agree*, Journal of Linguistics, vol. 17: 333-343.

Kaimoti, Ana Paula Macedo Cartapatti. 2014. *Douglas Diegues: Poesia e crise, Remate de Males*, v. 34, n. 1

Lipski, John M. 2006. *Too close for Comfort? The Genesis of “Portunol/Portunhol”*, in *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*, ed. Timothy L. Face and Carol A. Klee. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project: 1-22-

Lopes, Luiz Paulo da Moita. 2008. *Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira*, in Delta – Documentação e estudos em linguística teórica e aplicada, v. 24, n. 2: 309-340.

Matras, Yaron. 2000. *Fusion and the cognitive basis for bilingual discourse markers*. International Journal of Bilingualism, vol. 4 (n. 4): 505–528.

Palácios, Azucena. 2010. *Algunas reflexiones en torno a la Lingüística del Contacto. Existe el préstamo estructural?*, Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana, vol. 8, n. 1:33-55.

Pizarro, Ana. 2006. *O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Niterói: EDUFF.

Sturza, Eliana Rosa. 2004. *Fronteiras e práticas linguísticas: um olhar sobre o*

*portunhol*, Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana, vol 1 (3): 151–160.

Sturza, Eliana Rosa. 2005. *Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras*, *Cienc. Cult.* [online]. 2005, vol.57, n.2

Sturza, Eliane Rosa. 2006. *Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias lingüísticas*. Tese de doutoramento, Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Teixeira, R. 2011. *(Triplíces) Fronteiras Literárias*. In: Revista Overmundo. Ed. 2, 10 ago. 2011. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/triplices-fronteiras-literarias>. (Acesso em 9 fevereiro 2015).

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

Albuquerque, José Lindomar. 2014. *As fronteiras do Portunhol selvagem*, Revista TB, Rio de Janeiro, n. 196, jan-mar 2014: 89-108.

Appel, R– Muysken, P. 1996. *Bilinguismo y Contacto de Lenguas*, Barcelona: Ariel.

Bandeira, Manuel. 1959. *Em louvor das letras hispano-americanas. 3 Conferências sobre cultura hispano-americana*. Os Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: 5-18.

Carvalho, Ana M. 2003. *Rumo a uma definição do português uruguaio*. Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI) volume. I,(2). Madrid: editorial Vervuert: 125-149.

Diegues, Douglas. 2003. *Dá gusto andar desnudo por estas selvas: sonetos salvages*. Curitiba: Travessa dos editores.

Diegues, Douglas. 2007. *El Astronauta Paraguayo*, Asunción: Yiyi Jambo,

Elizaincín, Adolfo, Behares Luis E., Barrios Graciela. 1987. *Nós falemo Brasileiro. Dialectos portugueses del Uruguay*. Montevidéo: Amesur.

Rocha, Waldyr Imbroisi. 2011. *O portunhol e captação de herança nos Sonetos Salvajes, de Douglas Diegues*, Estação Literária Londrina, Vagão-volume 7, set. 2011: 6-14.

Soares, João Clemente Baena. 1997. *Mercosul e a Integração sul-Americana: mais do que a economia. encontro de Culturas*. Brasília: FUNAG.

